

**O Petardo**

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

EDITOR RES PONSÁVEL: ANTONIO PACHECO

Typographia de José F. da Fonseca

Rua da Picaria, 74

PREÇO DA ASSIGNATURA: (PAGA ADIANTADA)

Assignantes ordinários (por anno) 300

Assignantes protectores 500

Numero avulso 10 reis

Outeiro - Torres Novas

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Redacção e administração

**PADRE BENEVENUTO DE SOUZA**



A pedido de varias familias, e em attenção ao lucto que a nós e a todos os petardistas nos cobre n'este momento, pelas descobertas de varias e arriadas falsificações nos generos que pappamos, não haverá hoje espectáculo no theatro d'O Petardo.

O Nós, pondo de parte a caracterisação e o garrido fato de clown, inverga casaca, põe lenço branco ao pescoço, calça luva branca e dispõe-se a philosophar muito a sério com o respeitavel publico que frequenta o theatro cá da rapaziada.

Sabem vossas senhorias que, na ultima quinzena, se descobriu:

- 1.º Que os petardistas e todos os seus amigos comiam pão de serrim em vez de farinha;
- 2.º Que mettiam para o abdomen, em vez de summo da uva, infusão de pau campeche;
- 3.º Que ao almoço, em lugar de serrim com manteiga, emborcavam pedacinhos de madeira lambuzados com margarina;
- 4.º Que o liquido negro que tomavam no fim do jantar, em vez de puro Moka, era chicoria torrada;
- 5.º Que a bebida pegajosa, com que ao almoço se regalavam, não era tal chocolate, mas pura casca de pinheiro, bem preparadinha para o effeito;
- 6.º Que o azeite em que ás sextas-

feiras molhavam o bacalhau e as batatas, não tinha nem sequer o cheiro da azeitona, porque era oleo vegetal; 7.º Etc., etc., etc.

Terão, por certo, vossas senhorias assistido ao berreiro descomposto que por ahí vae por causa das falsificações. Passa cá um cidadão por uma rua e vê tres maraus a cavaquear. Pára; põe-se d'ouvido alerta e a fazer garatujas com a bengala no chão para que elles não descontiem que estamos a ouvir a cavaqueira.

Um, muito irado:

—Ladrões! Assassinos! Não contentes com nos roubarem, envenenam-nos. Todos os dias, depois de comer, o abdomen punha-se-me como uma pipa. Abundancia de bolo alimentar, pensava eu. Era o diabo que os carrega! Era o serrim, que inchava ao cair-lhe em cima a infusão de campeche!

Outro:

—E eu depois do chocolate sentia picadas na barriga como se um exercito de pulgas me tivesse assaltado. Nunca desconfiei do que seria. Agora sei-o: era a casca de pinheiro a dar signaes de si.

O terceiro:

—Sempre que comia pão com manteiga, sentia nauseas. Cá está o estomago estragado, pensava eu. E estava. Mas estragava-se com a maldita margarina! E não haverá quem estripe todos estes porquissimos assassinos da humanidade?!

Tem razão o tres? Talvez. O que é certo é que, enquanto as falsificações não foram descobertas, ninguem se sentia incommodado com as mixurdias que comia. Agora, quem paga as favas dos soffrimentos passados, presentes e futuros são os falsificadores.

A humanidade é assim: precisa de ter sobre quem lançar as culpas de todos os seus males.

E, comtudo, esses falsificadores são benemeritos da humanidade.

Não arregalem os olhos que não nos mettem medo.

O serrim não é mais barato do que a farinha? A margarina mais que a manteiga? A chicoria mais que o café? A casca de pinheiro mais que o chocolate? O oleo vegetal mais que o azeite? Se isto, por não se poder pôr em duvida, são favas contadas, não seria

de justiça considerar benemeritos aquelles que inventaram generos de primeira necessidade mais baratos do que os até ha pouco usados?

—Mas arruinam-nos a carcassa, dirão os que tratam da saude como d'um Sant'Antoninho onde te porei.

Lerias!... Se a gente ha de morrer, como parece fóra de duvida, que importa que seja hoje ou amanhã?

Sejamos philosophos. Não sejamos idiotas, pensando como pensariam os nossos avós, se fossem vivos. Nós, por que vivemos na epoca do Progresso, temos obrigação de ser progressistas... mas não á Zé Luci Ano ou á Alfóim, que esses são progressistas de treta que não de cheta.

O Progresso não consiste apenas nos caminhos de ferro, nem nas descobertas da electricidade, dos raios X e de outras sensaborias com que os maduros contemporaneos nos seringam para nos apanharem os cobbres que ganhamos com o suor do nosso rosto. O Progresso são as notas falsas, os amigos Humbert, o Dreyfus, a filha arranjada atraz da porta do Esteves Ribeiro, o Navarrão com o chalet do Luso, o Hint-Ze com a sua moralidade politica, o Mari Anno com a sua outra metade, o Alfóim com os notários, etc. O Progresso é isso que os senhores estão vendo e commentando: o serrim por farinha, o campeche por vinho, a margarina por manteiga, etc., etc., para não falar dos saldos das colonias, arranjados pelo Neptuno portuguez, e no convenio, amassado em Paris pelo Karrilho.

Se vossas senhorias quereem ser homens da sua epoca, é pappar as falsificações e carinha alegre, embora andem com a barriga a estalar de dores. Com o physico não se importem, porque em um homem morrendo, não é mais que um cadaver morto.

Se, renegando as gloriosas tradições do Progresso, bertram contra o serrim, a margarina, o oleo vegetal e outras endrominas, então, carissimos senhores, não passam d'uns obscurantistas, d'uns kagados, d'uns effeminados, d'uns bolas, d'uns zés-qui-tollis, d'uns morcegos, d'uns bichos-do-buraco, d'uns cretinos, d'uns corujas, d'uns mostrengos, d'uns lunaticos, d'uns seletitas, d'uns retrogradados que envergonham a humanidade do seculo dois XX.

Escolham: ou homens do Progresso com a barriga untada por dentro de

serrim, de campeche e oleo vegetal, ou creaturas do Retrocesso, agarradas ao bom presunto de Lamego, á manteiga do Miguel Dantas, aos nabos de S. Cosme e ao vinho da Companhia Velha.

Escolham e mandem a resposta, que está á espera d'ella o Zé d'Azevedo, nosso mandarin chinhez, para a transmitir á rainha Ricoco Mostrenga-Chanpang e ao principe Xia-chi-tótó-espírracanniveteprinc, seus augustos hospedes na córte do Rei-sol.

Nós.

**Vinho e luar**

Uma noite de janeiro,  
Banhando-se n'aquelle puro Luar  
que não tem parecido,  
Ha um homem mal-seguro:  
Para resistir ao frio  
Bebera com alma e brío.

Aos bórds de rua em rua,  
Sempre os olhos no céu ritos,  
Namorava a casta lua  
Disparando-lhe bons ditos:  
«Es de gesso, ó prenda rara!  
Tens hoje mais d'uma cara!»

Por fim, n'um sitio remoto,  
Da co'a porta d'uma crejeira,  
Torna-se logo devoto,  
E diz com voz suspirosa  
Esta oração fervorosa:

«Oh que visdo admiravel!  
Que milagre me apparece!  
Um peccador miseravel  
Como eu sou, ahí não merece  
Ver o que en vejo, ver duas,  
Duas, Senhor... duas lustr!»

Ego.

## Historia contemporanea

### Carta do Don'Anna ao tio Hint-Ze

Amigo e tio.—Não lhe tenho escrito porque as aguas me tem enfraquecido muito. São reodoras, as marotas! Atiro-me ás viandas como um desesperado; mas nem assim tenho conseguido introduzir no organismo a vitalidade e força que, por outro lado, as aguas me tem roubado. Parece que quanto mais como, mais expillo. E' das aguas!... E até me dizem que, se eu não comesse por um lado e não liquidasse por outro, era signal certo de que as aguas não produziam bom effeito. Estou, pois, contente, apesar da fraqueza do organismo. Ao physico occulto, as aguas tem feito bem; ao que o não é, nem por isso. Todos os dias me vejo ao espelho, e o cabelo não dá signaes de si. Caspa, muita caspa, e mais nada! Dizem os medicos que são gorduras. Acredito. Deus queira que gorduras fóra e cabelo dentro. O tio não imagina o desgosto que tenho em ser careca! E não só desgosto, tambem prejuizo. Se não fóra o eu ter a abobora descabellada, a esta hora já o tio teria, por certo, uma encantadora sobrinha e meia duzia de pimpolhos a saltar-lhe ás pernas, a puxar-lhe pelo nariz e a arrancar-lhe as melenas quando fosse a minha casa tomar o chá-ninho com torradas. Mas... Deus *supremum*, como costuma dizer o Navarrão quando se vê atrapalhado.

Saberá, querido tio, que aqui tem havido mosquitos por cordas por causa do encerramento das escolas congreganistas. Estes endemonihados dos catholicos francezes são de cabelhinho na venta. Olhe que grande espiga se os de lá, em vez de serem feitos de caça de passarinho, nos saham arrota-postas-de-pescada como os de cá! A esta hora o meu querido tio estaria em Algés a pensar na morte da bezerra em vez de cuidar na maneira de consolidar o partido com commissarios regios e sub-inspectores; e a mim—quem sabe?—talvez, com o susto, me tivessem cahido as pobres e mesquinhas repas de cabelo que me adornam a parte superior das orelhas e a covas do lado. Outra vez:—Que espiga, ó tio! Olhe do que nós nos livramos!

Porque a coisa, aqui, tem sido um pouco séria, acredite. O Combes, julgando que se benzia, deu com as ventas n'um sedeiro. Os catholicos vieram para a rua, fizeram banzé, protestaram contra a illegalidade da perseguição, deram vivas á liberdade e ás Irmãs e



ameaçam ir-lhe ao folle da gaita, se elle não ganhar juizo. E tudo isto, tio Hint-Ze, em Paris, no coração da França, na terra classica do progresso e da civilisação!

Lá por casa, como sabe, succedunos o contrario. Houve vivas á liberdade, mas foram dados pelos nossos amigos, que ao mesmo tempo pediam que puzessemos no meio da rua frades e freiras; houve, em vez de vivas ás Irmãs, morras aos jesuitas, mas foram todos com consentimento meu, porque,

como o tio queria a Maria Bernarda na rua para fazer passar-o convenio e outras endrominas que nós sabemos, eu disse aos nossos que podiam dar esses morras, porque os jesuitas não eram gente que estivesse sob as azas protectoras da legalidade no nosso paiz. Então fizemos nós uns figurões, porque a escoria do povo, em lhe dando summo da uva, é pau para toda a colher, e os nossos catholicos, muito aunginhos do seu rico corpo, desataram a berrar que não eram jesuitas nem sancionavam com o seu apoio os crimes dos conventos, e até alguns Padres, em vez de fazerem o que fizeram os da França, que vieram para a rua apanhar, com o povo, coronhadas d'armas e taponas de sabre, despiram a batina, metteram-na entre os colchões da cama para que ninguém a visse e mandaram fazer fato á futrica, com que se apresentaram na rua, com chapéu á Marialva e capote á cavallaria... para fingirem do cocheiros aposentados ou actores de feira em disponibilidade.

Tenho matutado sobre isto, querido tio; e o resultado das minhas locubrões é que nós estamos muito mais civilizados do que a França. Quando, em tempos vindouros, se escrever a historia universal, os historiadores hão de fazer-nos justiça, afirmando, com provas na mão, que o Waldeck-Rousseau e o Combes eram duas bastas compradas commigo e com o tio, porque aquelles esfaquearam as Congregações mas tambem apanharam para o seu tabaco, ao passo que nós mettemos-lhes o punhal até ao cabo e ninguém nos tocou n'um cabelo da cabeça, a não serem esses desalmados jornalcos jesuiticos, que se fartaram de nos chamar nomes feios e ainda agora nos chegam a roupa ao pélo, quando se lhes offerece ensejo.



Alegremo-nos, pois, querido tio, apesar dos dissabores que temos tido.

Adeus. Visitas á familia, ao Sousa d'Aljió e ao Navarrão, que são as duas mais ricas prendas que temos no nosso rebanho. Que pena que o Alfoim não seja da mesma cor politica! Era uma trindade de tres assobios, porque, unidos para a vida e para a morte no syndicato, nos prestariam relevantes serviços para a consolidação anti-franceca! Traga-m'o d'olho, porque ainda não perdi a esperanza de o intrigar com o Zé Luci Ano e traze-lo para cá. Olhe que o maroto tem na palma da mão toda a clericalha do norte!

Mais uma vez: adeus!  
A' ultima hora.—Acabo de saber que o Combes vem passar uma temporada para Cauterets. Fico-me por cá mais uns dias para estudar este gajo. Merece estudo especial. Quem sabe se, para arranjar a nossa vida, ainda precisaremos de o macaquear? E' bom estar prevenido para o que der e vier.

Seu do c.

Don'Anna.

Carta do Hint-Ze ao Don'Anna  
Sobrinho e amigo.—Muito obrigado pela tua cartinha. Não desanimas pelo couro cabelludo não ter dado signaes

de vida. Venhas tu com o physico são como um péro, que o resto se remedeia. Não te apaixones por teres o melão descabellado. Pois o pecego careca não é o melhor, quando maduro? Ha por cá carecas mais carecas do que tu, que tem arranjado a sua vida. Isso não é obice ao casamento. Compra ahí farpella nova que te caia bem, manda lustrar a cartola, estuda os ademanos dos *Leles* d'ahi, penteia as barbas todos os dias, ensaboa de cosmetico e d'agua de Colonia as poucas repas que te restam e verás que te não será difficil metter uma lança em Africa. Tu não és para ahí uma peste, como se te afigura; e ainda que o fosses, ha por cá muitas manas Perliquitetes que suspiram por um maridinho que tenha representação social e as faça entrar na grande roda. Quando vieses, cá combinaremos e arranharemos tudo, ainda que seja preciso fazer te embaixador junto do Peru.

Saberás que tenho vivido feliz e contente. Todos se foram para a pandega. Só cá ficou o Sousa; mas esse, coitado! como sabes, engrampo-o bem, dizendo-lhe mal do Festas e do Lyrio e prometendo-lhe a pasta da fazenda, pela qual suspira, porque o Navarrão lhe disse que era a que mais lhe convinha,—etc. e tal.

Não me fales do Alfoim, que cada vez está mais arisco! Subiu-lhe ao toitico o amor da pasta, embora saiba que o Zé Luci Ano já jurou a todos os deuses que nem de barro pintado o quer mais ver na justiça, não só por causa d'aquelle canudo dos notarios, mas porque despachou um enxame de conegos para as sés, fazendo politica sua e não progressista. Creio que o Alfoim se penteia para as obras publicas, por causa d'umas lérias, que para ahí correm, de novos caminhos de ferro; mas, segundo me dizem, as uvas estão ainda muito verdes...

Seja o que fór, com o Alfoim não pudemos contar, por agora.

Visto que estás resolvido a esperar pelo Combes, cata-o bem. Perguntalhe se a maçonaria abriu os cordões á bolsa para elle perseguir as Congregações. Estuda-lhe a psychologia, porque acabo de ler no *Gaulois* que elle pertence a uma familia de doidos. Traz-me averiguado se o homem é maluco ou se é velhaco. Precisamos saber isso para regular o nosso procedimento futuro. Tu bem sabes que o Waldeck-Rousseau foi quem nos mettu na questão religiosa. Esse, porém, não era maluco. Contudo, por nos deixarmos ir a reboque d'elle, estamos soffrendo as consequencias. Ora, se o lervado do Combes nos escreve para reavivar a questão, é preciso que saibamos com que raça d'homem estamos mettidos.

Adeus, amigo! O Karrilho manda-te um beijo, o Sousa d'Aljió um abraço e o Navarrão pede-te que te não esqueças de ir preparando qualquer coisa que se possa converter em abundante cornucopia d'aquillo com que se com pram os melões. Pelo que me consta, o homem anda *falho ao naipo* e precisa d'um bico d'obra que lhe encha os col-dres.

Dispõe sempre do fraco prestimo do

Teu tio e amigo,

Hint-Ze.

Pela copia,

Gryce.

## Noticiario

A pedido de varias familias, inauguramos hoje a secção do noticiario, indispensavel n'um jornal que se prése e que pretenda obter do publico os dez reisinhos, sem os quaes nenhum *pridico* pode viver. Ah! vão ás noticias mais sensacionais da semana finda:  
*Desastre*—Uma muar de que era carroça o João Ferreira carroceiro foi atropellada hontem por uma debil creança

na rua da Regueira, que tem apenas cinco annos. Intervio a auctoridade, que lavrou auto da occorrença. O polico foi para o hospital a curar-se do ferimento rebobido e a muar prendeu o carroceiro, que foi remetido para o guano.

*Outro desastre*—Appareceu hontem n'um menor uma pharmacia de dez annos, com uma garrafa na mão, pedindo o seguinte:

—Dê me um vintem de aguardente, para a minha mãe omphorada que torceu um pé dentro d'esta garrafa.

A esta hora a pharmacia investiga, recoahindo graves suspeitas sobre a policia.

Sylvio.

## Progredior!



Ninguém diga que o paiz  
A quem amo com excesso,  
Não caminha d'este modo  
Na estrada do progresso!

Já se faz vinho sem uvas  
E azeite, de linhaça;  
Mantiga, de margarina,  
E não para aqui a traya.

Faz-se assucar com farinha  
E com ossos d'animaes;  
Pomadas, ingredientes  
São tudo artificiaes.

Vende-se gato por lebre  
E centeio por café;  
Vende-se estanho por prata  
E por ouro, plaquet.

De typhos e febres gastricas  
Tambem se faz a bubonica;  
E de conees na grammatica  
Faz-se orthographia sonica.

D'arruaças e excessos  
Faz-se lei e liberdade;  
Candongueiros e larapios  
São homens de probidade.

Mas o melhor da passagem  
Vae agora aqui no fim;  
E' o pássinho dos pobres  
Feito de gesso e serrim!

Para o auctor d'esta ideia  
Que é na arte um espelho,  
Peço um habito e comenda  
E uma carta de conselho.

D'este modo aparelhado  
O inventor immortal,  
Jamais se confundira  
Com qualquer outro animal.

Thomé Thomaz.

## Um triste fim

A Lulu, á força de lhe dizerem que era intelligente, de a admirarem pela variedade dos seus conhecimentos, deixou-se cegar pela vaidade, tornou-se pretenciosa, egoista, com direito a uma situação brilhante no mundo. Procurou-a; e como não a alcançasse, caiu no desespero, entregou-se ao vicio... Hoje é uma infeliz.

Não desenvolvas, senhoras, a vossa intelligencia em detrimento do coração. Se daes tudo á intelligencia, esta matará o sentimento, esterilizará o coração.

O Sagittario.

As distrações do sr. Abbade



Com que saudade me lembro d'aquelle santo velho! A sua batina lustrosa com tons de musgo, era um labaro de paz; rixosos que a lobrigassem ao longe abraçavam-se em fraternal amplexo; todas as contentas terminavam quando elle apparecia; aplacavam-se odios quando seu lustro brilhava perto.

Falava concisamente e precisamente a linguagem d'um pae extremoso e castigava com caridosa toça.

Nas calmosas tardes do estio era um encanto vel-o refugiado na sombra dos castanheiros do passal, rodeado de creancinhas, qua lhe beijavam carinhosamente a mão e ás quaes, brincando, ensinava a doutrina christã, explicava as verdades evangelicas e ministrava o pão intellectual.

Nas longas noites de aspero inverno, quando o norte sibilava lugubrememente nos braços resequidos das arvores, elle lá ia embuçado na farta garnacha, já coçada, espalhecer, dizia elle ao velho creado e ajudante no seu santo ministerio.

Aonde iria elle espalhecer?

Cavaquear na botica?

Jogar o sólo em casa do medico?

Qual! Ia visitar as ovelhas doentes e pobresinhas, a quem por certo faltavam todos os confortos; ia animal-as com palavras consoladoras, derramar as doçuras do balsamo evangelico nos seus corações ulcerados pelo infuntunio.

Quantas vezes o vi entrar furtivamente em casa de miseros jornaleiros, doentes, ajuizado com trouxas esmoladas em casa dos abastados!

A sua parca meza tinha sempre desgraçados por commensaes; e muitas noites passou-a sentado n'uma velha poltrona para ceder a propria cama a desconhecidos.

Santo velho! a tua campa raza é um canteiro perenne todos os dias regado por lagrimas de gratidão!

As suas distrações, que eram muitas, celebravam-se respeitadamente; eram tão festejadas como os seus beneficios.

Sempre aborto no amor de Deus e do proximo; quinhoando em espirito as dores alheias, não raro passava divertidos attestados. Ora era um velho que tinha dado á luz uns gemeos; ora uma moçoila a requerer subsidio de lactação para pagar a amamentação da velha mãe entrevada.

Quantas vezes á estação da missa proclamava attestados de indigencia, certidões de idade ou obito, junto com proclamações de casamento!!

Tratava eu um doente, seu protegido, que soffria de calculos na bexiga, e n'esta occasião com um embaraço gastrico. O pobre João Manhoso, como por lá o conheciam, era teimoso nas suas superstições e cattura nas suas crendices; teimava em ser possessore, doença a que a sciencia não podia dar cura e queria que eu pedisse ao sr. abbade que o exorcismasse, que lhe requeresse o espirito maligno para o mar coalhado.

Procurei o santo paroché e pedi-lhe que saneasse aquelle entendimento; o bom do velho acompanhou-me ao tugurio do João Manhoso, a quem verberou amorosamente as suas scismas.

Se tu tivesses o coração bem cheio de Jesus não vias assim a cada instante o inimigo das almas. Pede a Nosso Senhor que venha habitar no teu espirito e verás como essas visões febris desaparecem; logo venho cá, trago-te uma garrafa de agua benta e um santo Christo, a quem te encommendarás fervorosamente. Você vem cá á noite, convidou-me, e verá como elle está mais calmo.

A' noite appareci em casa do Manhoso, e qual não foi o meu espanto quando vejo o pretense emdemoninhado abraçado a uma perna de carneiro assado e uma garrafa de vinho verde á cabeceira?

Entra n'esta occasião o abbade muito embaraçado e diz-me:

—Desculpe, que troquei os embulhos; isto era a ceia d'aquelles pobresinhos de Trouqueia e deixei lá ficar a santa imagem e a agua benta para elles cociarem. A minha cabeça!!

Rozé.

Longa vida

Meio facil de a alcançar

Para gozares de boa saude na alma e no corpo, toma á discreção raizes de fé viva, frescas folhas de esperanza, rosas de caridade, violetas de humildade, lyrios de pureza, absinthos de contrição... e pão da cruz.

Ata tudo isto n'um feixinho com fio de resignação, põe-o a ferver no fogo

do amor de Deus e ao proximo dentro do vaso da oração, com vinho de santa alegria e agua mineral da temperança, bem coberto com a tampa do silencio; deixa-o de manhã ao ar da meditação.

D'isto toma uma chavena de manhã e á tarde, e terá boa saude.

Os mencionados ingredientes achalos-has na acreditada pharmacia do Sacratissimo Coração de Jesus. E tambem na do Coração de Maria, aberta de dia e de noite ao serviço do publico.

As nossas effigies

O Braz — que é o contrario da pescada, que antes de o ser já o era, porque é nosso amigo, nasceu em Peniche, mas não o temos na coata d'amigo d'aquella conhecida terra, o que aqui dizemos para honra d'elle e gloria nossa — pedi-nos, como vossas senhorias sabem, que dessemos a vera effigie dos redactores d'O Petardo, visto que não queremos publicar os seus nomes. Deferimos o pedido, apesar de cá por casa haver divergencias d'opinião, filhas da sr.ª D. Modestia. Agora, o remedio está nas Caldas. Queiramos ou não, as nossas foiceiras hão de sair a lume, porque coisa que O Petardo prometta, ha de cumprir-se, inda que o demo tenha de dar tres estoiros no meio do inferno.

Começaremos pelo Sagittario, que é o papá de toda a passarada que chillea na gaiola d'O Petardo. Arregalem os seus lindos olhos. Ah! o tem!



Conhecemo-lo? Está aqui ha muitos annos, mas isso não aquenta nem arrefenta. Ponham-lhe uns oculos, emmagreçam-nos um nadita, aquilinem-lhe um pouco mais a penca, espalhem-lhe tres ou quatro rugas pelo bello do rosto, rareiem-lhe um tudo-nada a frondosa cabelleireira, polvilhem-lhe o cabelo, de raspão, com pitadas de pós d'arroz, e digam-nos se, em dias de vida, viram retrato mais fiel do nosso querido e incomparavel Sagittario?

Parece-nos estar a ouvir a rapaziada operaria, que morre d'amores por este pau de virar tripas:

—E' elle, com seiscentos macacos, é elle em carne e osso!

O Benito, cobrador do Circulo, cidadão de Redondella, que é um dos seus maiores admiradores, ao vel-o, exclamou, espremendo a hirsuta barba, como costuma fazer quando está gaudioso:

—Bien venido sea el Sagittario á las pajinas del Petardo, pues es un muchacho muy gaupo!

Se até os cidadãos de Redondella attestam a fidelidade da sua carantonha, não é preciso pôr mais na carta para se ficar sabendo que o retrato, apesar de não levar o nome por baixo, é uma obra prima, que merece ser encaixilhada em porcelana e missanga.

N. B. — Escusam de nos mandar os parabens pela acceida obra que o nosso lapis gisou, porque, por modestia, não estamos em casa para os receber.

—E' o retrato de Giryce.

Echos tauromachicos

Descendo hoje a rua de Santo Antonio, encontrámos o Revartito. Os leitores conhecem este affamado toureiro? E' um rapaz alto, corpulento, cheio de graça e salero hespanhol.

A conversa versou; já se vê, sobre touros e touradas.

—Você conhece o Capirote? perguntou-nos elle.

—Qual Capirote?

—O boi Capirote?

—Ah! sim.

—Como sabe, é um boi muito pratico nas lides tauromachicas. Quando sae da gaiola é sempre com furia. Matreiro, na arena procura o vulto e despresa o engano. E' uma fera. Sabe o que elle fez no principio de julho? Investiu contra um pobre campino, tomou-o nas hastes, atirou-o com força ao ar, e marrou-lhe com valentia. Nunca vi bicho igual!

—Então tem visto pouco.

—Por que?

—Porque na redacção do Seculario ha coisa parecida ou peor.

—Que me diz? O amigo está a brincar!

—Nunca ouviu falar d'um certo Judi... Tambem elle investe; tambem elle ataca á traição; tambem elle marra com furia.

—Caramba! exclamou o Revartito visivelmente indignado. Não haverá n'esta terra um moço de forçado que lhe applique uma vara no lombo, que o desmole, e faça entrar no toureiro?

—Esta terra...

Sem nos deixar continuar, Revartito bateu-nos nos hombros, dizendo:

—Adiós, Adiós!

O Sagittario

A modista e a creada



—O' creada, onde está a cauda da gallinha?

—A cauda da gallinha?! E a senhora para que a quer?!

—Para que a quero, minha tontinha? Já te disse mil vezes que as caudas das gallinhas se guardam sempre bem acondicionadas para depois enfeitarem os chapéus que as meninas levam...

—Ao theatro e ao baile?!

—E até á missa.

—Ora, minha senhora, sempre é bem triste e baixo fazer d'uma cabeça de menina uma cabeça de caudas!...

—Cala-te: tu não sabes nada. Olha que as senhoras de cabeça depennada chamam jesuitas aos cavalheiros.

—E que tem lá isso?! E' melhor ouvir dizer: olha como as pennas da minha gallinha botam figura na cabeça d'esta tonta!

—Mas sem isso ellas não arranjam casamento.

—E a senhora não sabe pelo que é?

—Não entendo o que é?

—E' porque os paes cavalheiros que as de pennas procuram, depois de as agerrarem papam-lhes as gallinhas e dão-lhes as caudas.

—Disseste muito bem; mas não serves para minha creada; se não peço as freguezas. Vivam os chapéus de cauda de gallinha!!

—E vivam as lousas que os querem trazer! A abalagreira a abalagreira... Lulu!

Correio de casa

Sylvio—Bem vindo seja á casa paterna, filho prodigo. Fazias cá falta, moço,—palavra d'honra que fazias! E' mais um a apauhar as bordoadas de cego que os Aristarchos nos dão. E que consolação quando se tem companheiros na desgraça! Demais, tu também éras dos que afeiam contra O Petardo. Agora, em vez de navalha, és rebolo. Ah! Sylvio, como tu és mais uma prova viva de que «pela bocca perde o peixe».

—Fizeste bem, filho, em vir bater-nos á porta, porque o papá abriu-te os braços escancaradamente, beijou-te a fronte, senão-te dá mesa, e se te não lavou os pés é porque supoz, por certo com fundamento, que os trazias limpos e frescos como uma alfaca, n'estes tempos de calores caniculares.

Não nos fujas mais, não? A primeira travessura perdoo-se; a segunda castiga-se. E olha que apauhas duas surras se nos tornas a pregar outra.

Zabumba.—Você, seu Zabumba, é escamado como uma barata! Acha que O Petardo se desmanda um pouco em linguagem, nem coiza, em vez de fazer um rir, fazem chorar, e usa um papel indecente.

Pomes embargos aos seus dizeres... Desmandos de linguagem... Por Diab!—ainda os não lobrigamos; fazer chorar em vez de rir, pôde ser, porque isso depende do temperamento de quem lê e dos olhos—benignos ou severos—com que lê; quanto ao papel, tem você razão, mas a carentia d'aquillo com que se compoem os meolões a isso nos obriga. O papel, seu Zabumba, será melhorado lá para o 6.º número. Aguarde o cavalleiro um pouquinho, deixe o poquer-rúcho começar a fazer—tem, tem!—é vera como elle se há de mostrar algo mais galante e encantador. Lembra-te o Zabumba que Romão e Pavão não se fizeram n'um dia, e que os paratidistas, apesar de serem bons rapazes e homens de Letras e de Tretas, apenas começaram a fazer os primeiros ensaios na arte de laraçar com a humanidade. Usa é serás mestre, lá diz o ditado. E nós, todos nós, nos atiramos d'unhas e dentes ao estudo da laraça para passarmos de discipulos a pedagogos. Ainda o Zabumba nos ha de vér e não nos ha de conhecer. Olhe que é d'esta massa que se fazem os piadistas!

Holophernes.—Dá cá um abraço! Mais outro! Inda outro! E como a conta de tres o diabo a fez, dá cá um quarto para tirar o anquillo. Holophernes amigo, se tu não existisses, era mister inventar-te! Tu és o opposto do Zabumba. Este vê tudo amarello, tu amarello como a enxundia de gallinha. Tu, rico amigo, vêes tudo cor de rosa, lizo cor de rosa como as unhas do Sylvio. Então com que, habas-te todo de satisfação quando lêes O Petardo? Deus te conserve esse bom gosto, porque prova que não és difficil de contentar, como o maroto do Zabumba, a quem Deus perdoo e arrelia que nos causou com as suas desconcomposturas. Continua, querido Holophernes, a pôr-te de cocoras deante d'O Petardo e a considerar os petardistas como homens d'uma só cama. Não nos fazes senão justiça. Toma lá outro abraço—o quinto! Mercetel-os pelo intento com que nos brindaste.

Fóveiro.—Olá, seu Eurico Fóveiro, você appareceu-se de viseira calhada, sabendo que aqui não entram mascarados? E' recebido na sala de visitas porque se' apresentou de carapuça na mão, futo escovado e tamancos engraxados. Você tem phosphro, olá se tem, e laraça, louvado Deus, também lhe não falta. Ergo, emquanto não lança as rédeas ao mar e não váe para a labuta, petardista, que é o peior disso do que gastar o tempo a pégar de mirlanhas. E, petardista assiduamente, se quer ter o retrato na galeria da rapaziada que garatuja cá na gazeta. E veja lá se se' digna de mostrar-nos o seu formoso rosto, para sabermos com que flamejamento de haver-nos. No numero seguinte sair-lhe ha a sorte grande, publicando-se-lhe a prosa.

Folhetim d'O PETARDO

QUEM SEMEA VENTOS...

—Apoiado! Muito bem! Isso é que é verdade!... Isso é que é falar!... —responde a Seraphina, commovida até ás lagrimas que ella occultu num lenço avermelhado.

A gata manifesta tambem o seu applauso, algando a cauda, espreguicando o dorso, he saltando da mesa, onde deiza um liquido de perfume ammoniacal, que não se sabe bem se é produzido por lagrimas de commoção ou por qualquer orgão retroactivo.

—Então é assim ou não é, Seraphina? —E' sim, minha sr.ª, responde convictamente a interpellada. A sr.ª diz bem. Nós sêmos todos filhos do nosso

Dialogo



—Quem és tu?

—O Petardo.

—Que vens fazer?

—Golpear o ventre da dissolução, combater a corrupção dos costumes, combater o ridículo, a troça, a critica; servir a meus leitores, entre risos, as verdades mais serias e amargas.

—A tua esperanza?

—Ter um logar de honra em todos os lares.

—A tua divisa?

—Verdade e Justiça.

—Oh! Então entra na minha casa, senta-te na minha sala, conversa com a minha familia, e conta com a minha protecção.

Sagittario.

A minha divisa

—Tristão Zareco—Estavas linda Ignez, posta em socogo, gosando as delicias do doce fructo... O Petardo, n.º 1. Gryce.

I

Sou como a linda Ignez posta em socogo, as delicias gosando ao doce fructo? Ai tristee emgano d'alma ledo e cejo que a fortuna não deixa durar muito.

II

Em vez de linda Ignez posta em socogo as delicias gosando ao doce fructo, não passo d'um miserissimo labrego, melena desgrednada, unhas de lucto.

III

Vêde se é linda Ignez posta em socogo as delicias gosando ao doce fructo, ver-se como eu me vejo pardo e grego, mordido pelos dentes do tribulo.

IV

Ora! ser linda Ignez posta em socogo as delicias gosando ao doce fructo só hint-Ze levando á Patria ao prigo com aspecto de quem fuma um charuto.

V

Ai, Gryce, a Ignez que julgaes em socogo as delicias gosando ao doce fructo, chora unhas tostos de sellar um borrego a que a obrigara hoje um Sub... astuto.

Tristão Zareco.

pae Adão, que Deus haja; e como taes tempos iguaes direitos.

O sol quando nasce é para todos; agora uns terem tudo e outros nada, uns ricos e outros pobres, uns a gosar e outros a trabalhar, isso não é justiça, é tyrania. Nada, tambem não me conformo.

Agora é D. Bernarda que apoia á sua creada:

—Dizes bem, Seraphina. Vejo com agrado que as minhas doutrinas teem calado no teu animo e que professas as minhas ideias. Como tu, todo o povo se hade convencer afinal dos direitos que lhe assistem; e quando surgir a aurora da redempção e o sol da liberdade dissipar as trevas da ignorancia e do fanatismo, os ferros da oppresão não-de quebrar-se e a humanidade será livre e feliz.

Um dia D. Bernarda acordara muito mal humorada. Na vespera á noite comêra umas castanhas assadas que

A' ultima hora

TELEGRAMMAS

Paio Pires 14—agosto, 12 h. 3 m. t.

Consta aqui, por telegramma de Lisboa, que o regedor da minha aldeia—notavel galopin nas ultimas eleições—vae ser nomeado general pelo heroe de Trajonee.

O correspondente.

Não nos admiramos. De tudo é capaz a safada cara dos rotativos.

O Sagittario.

Figueira da Foz. 14—agosto 3 h. t.

Os batoteiros da Madeira, unidos aos da Figueira, Espinho, Povoa, Pedras Salgadas, Caldas da Rainha, Cascaes, vão mandar delegados ao Hint-Ze, expondo que ou se permite o jogo, ou vão passar para os franquistas.

O correspondente.

Isso, isso, rapazes! Vão sem receio, que serão servidos. N'este paiz a vida está para vós, para os vadios, falsificadores, gatunos e trampolneiros politicos.

Viva o brodio!

O Sagittario.

No abysmo



Alta noite. Maré brava.

A marégen no corvez chora ao ver-se tão escrava do sultão alli de Algés.

E é tão negra a cerração das neblinas fluctuantes que nem se vê o clarão da rua dos Navegantes...

Vai o panno a toda a vella.

Grita, rouca, a marinhagem.

Afunda-se a caravela n'esta medonha voragem.

Nas vagas enfurcidas ovem-se prantos sístros:

—lamentos de almas perdidas

—o remorso dos ministros.

Tristão Zareco.

lhe produziram uma forte indisposição e a fizeram passar uma noite muito agitada, com negros pesadelos, sonhos parvosos e dores intestinaes. O relógio da torre dos Clerigos batera sete horas. Na rua ia um bulicio enorme, uma gritaria ensurdecadora. Era a garotada apregoando os jornaes do dia; os cauteleiros convidando a população a ser rica sem trabalhar; mulheres vendendo sardinha de Espinho, rapazes com louça de folha barata e gallegos annunciando rendas d'algodão!

O silencio que reinava na casa era bem estranho. Dormiria ainda?... Mas aquella hora?... Teria saído?... A's compras não podia ser, pois que não lhe dera ordens nem dinheiro. Mas aonde iria ella?... Extraordinario!

Pedido

Aos amigos que receberem dois exemplares do mesmo n.º do nosso jornal, pedimos o favor de nos devolverem um com a nota seguinte na cinta: «devolvido por vir em duplicado.»

Charada

Com pás e potes ás costas Me trazem nos temporeas; Tambem na tua cabeça Me verás e nas dos mais.—1

Eu não sou polyglotto; Que digot' nem me comparo Com o grande Mesofante, Em linguas talento raro; Mas aprendo as que me ensinam Sem ter sciencia profunda; Chamam-me assim em Lisboa Por ter esta cor jucunda.—2

Se tu, leitor illustrado, Foste, na florida idade, Freqüentar algum dos cursos Da nossa Universidade, Por certo ovistê d'estarte Chamarem-te a toda a hora; Por indigna costumeira, Que vem dos tempos de outra.—3

Charada derrabada

(Por letras)

Passarô de lindas cores—5 Fazem isto os lavradores—1 Pedra santa e principal—3 E um gaz, mas é vital—2

Proloquio a adivinhar

José Joaquim, do Outeiro, Foi-se n'um dia ao Cartaxo, E gostan do da pinguinha Vellou de lá como um cacho.

Na aldeia todos se voltam Contra o pobre beberão, E censuram-lhe a conducta Dando-lhe seu cachapo.

José diz-lhes, irado, —Porque me batem, não sei; Pois ninguém pôde dizer:

Metagramma

(Do numero passado)

Decifração: — Achado, Arado, Amado, Atado.

Charada

(Do numero passado)

Decifração: — Paris.

D. Bernarda ergueu-se do leito, vestiu-se apressadamente e foi direita á cozinha. No fogão não havia lume, entrou no quarto da sua creada. A cama lá estava; mas os lençoes e cobertas haviam desaparecido! Os cabidês aonde Seraphina costumava ter a roupa do seu uso estavam yasios. A caixa de pinho em que ella guardava as suas melhores fatiotas, desaparecera tambem!...

D. Bernarda não estava positivamente boa. Vagas de copioso suor cahiam-lhe da enrugada fronte, e quanto umas tremuras febris lhe agitavam todo o corpo. De repente, assaltada por uma ideia terrivel, correu á sala e dirigiu-se á commoda. A gaveta do meio estava aberta; e a caixinha de lata aonde guardava as suas joias e as suas economias, não estava lá! Roubada!... Roubada pela sua creada! pela sua amiga e confidente!... pela sua correligionaria leal e convicta!... (Continua.) a o Thomé Thomaz.